

Mais*

MARIA FELIPA EXISTIU? E OS CABOCLOS? DOIS DE JULHO COMPLETA 200 ANOS CERCADO DE MISTÉRIOS

REPRODUÇÃO



ao lado dos baianos e garantir a independência do país ibérico. Uma dessas figuras é o famoso Corneteiro Lopes. A lenda diz que, ao ser instruído a tocar o equivalente a 'recuar', o português teria tocado 'avançar' e 'degolar', o que ajudou a tropa baiana. A anedota transformou o corneteiro em herói popular, mas não há comprovação histórica de que isso tenha realmente acontecido.

HERÓIS E CABOCLOS

Não dá para lembrar de heróis do Dois de Julho sem mencionar o trio de mulheres que marcaram a resistência feminina na batalha. Cada uma utilizou as armas que tinha para ajudar a expulsar os invasores do território baiano. Maria Quitéria fingiu ser homem para entrar na tropa e lutar contra os portugueses, enquanto Joana Angélica foi assassinada ao tentar proteger o Convento da Lapa das tropas portuguesas.

Por outro lado, a figura de Maria Felipa, única negra entre as três, ainda é formada por muitos mitos e pouca comprovação de que ela existiu. Segundo o historiador Murilo Mello, o único registro antigo que atestaria sua existência foi feito pelo escritor e político Ubaldo Osório Pimentel (1883-1974). Os contos populares, por outro lado, tornaram Maria Felipa heroína por seduzir portugueses, dominá-los e surrá-los com folhas de cansaço.

A tradição do cortejo que completa o bicentenário este ano, manda que as figuras do Caboclo e da Cabocla, que ficam guardados durante todo o ano no Pavilhão Dois de Julho, percorram as ruas da cidade para relembrar a participação popular na guerra de independência. O casal não representa figuras históricas específicas, mas funciona como representação do povo originário brasileiro que participou da batalha.

Para entender a escolha dos caboclos, é preciso lembrar que a escravidão só foi abolida no Brasil em 1888, mais de seis décadas após a independência. Naquele período, no século XIX, os negros não eram reconhecidos como heróis da disputa, apesar de terem tido papel fundamental nas batalhas. Muitos, inclusive, permaneceram na condição de escravizados mesmo depois de atuarem na expulsão dos portugueses.

O PROJETO BAHIA LIVRE: 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA É UMA REALIZAÇÃO DO JORNAL CORREIO COM APOIO INSTITUCIONAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

O que é mito e verdade na Independência da Bahia?

Dois de Julho Heróis e acontecimentos ainda geram incertezas históricas

Maysa Polcri

REPORTAGEM
maysapolcri@redebahia.com.br

Sabe aquele ditado que diz que quem conta um conto aumenta um ponto? A expressão brasileira tem um fundo de verdade e a Independência do Brasil na Bahia, que completa o bicentenário neste ano, é uma prova disso. O Dois de Julho ultrapassa os limites da história oficial e ganha força no imaginário dos baianos através da oralidade dos sa-

beres populares. Muitas das lendas que repetimos e os personagens que transformamos em heróis sequer possuem comprovação histórica.

Uma das pinturas mais memoráveis que registram o Dois de Julho é do artista Presciliano Silva, que retrata a chegada das tropas baianas em Salvador após a expulsão dos portugueses.

No registro, é possível ver homens muito bem vestidos, montados em belíssimos cavalos e seguidos por um exército de homens saudáveis e contentes. Con-

to, a pintura foi feita em 1930, ou seja, mais de cem anos depois da cena histórica. De fato, as tropas baianas chegaram vitoriosas na capital, mas a realidade dos vencedores era diferente. A Bahia, na época, sequer tinha exército como conhecemos hoje e os guerrilheiros lutaram sem técnica e armas adequadas.

"O quadro não tem intenção de ser realista, ele representa a construção de uma narrativa heroica. As condições do exército pacificador eram terríveis, eles estavam cercando a cidade no meio do mato, longe do luxo da cidade de Salvador. Eles chegaram em frangalhos, com as roupas sujas, mal alimentados e com fome", explica o professor de história, Murilo Mello.

A ideia que baianos simples e sem experiência em batalhas conseguiram expulsar de vez os portugueses do Brasil não é mentirosa, mas a visão romântica não dá conta de explicar toda a história. O historiador Rafael Dantas, associado do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, lembra que por trás da guerra havia a burguesia interessada em manter seus privilégios. "A elite buscava uma emancipação que garantisse a continuidade de atuação no espaço político, de suas posses e de seus negócios", pontua.

Entre os europeus, havia aqueles que preferiam lutar

O artista Presciliano Silva retratou a chegada das tropas baianas limpinhas e felizes em Salvador, mas a realidade foi bem diferente. Eles estavam sujos e famintos

As condições do exército pacificador eram terríveis. Eles chegaram em frangalhos, com as roupas sujas, mal alimentados e com fome Murilo Mello

Professor de história

A elite buscava uma emancipação que garantisse a continuidade de atuação no espaço político, de suas posses e de seus negócios Rafael Dantas

Historiador